

AS PROFECIAS DE TEMPO DE DANIEL 12 E APOCALIPSE 12 E 13*

*William H Shea***

Duas dúzias de profecias de tempo encontradas na Bíblia são identificadas como pertencendo aos profetas clássicos. Os expositores concordam que estas devem ser interpretadas como tempo literal. Cerca de uma dúzia são encontradas nos livros proféticos especializados conhecidos como apocalípticos: Daniel e Apocalipse. Há mais diferenças de opinião a respeito da interpretação destes elementos de tempo. Os intérpretes historicistas, incluindo os adventistas do sétimo dia, sustentam que estas expressões de tempo são simbólicas e representam longos períodos de tempo histórico. Outros intérpretes tanto da escola preterista quanto da futurista crêem que estes períodos deveriam simplesmente ser tomados como tempo literal.

Discuti alhures a natureza dos períodos de tempo apocalíptico e o princípio diário.¹ Neste artigo proponho-me a fazer um estudo do contexto e do conteúdo de alguns poucos períodos de tempo apocalípticos para descobrir aqueles aspectos que indicarão quando eles devem se cumprir. Este não é um estudo histórico em profundidade. É, isto sim, um estudo textual para ver o que o próprio texto diz a respeito da aplicação destas profecias em seus próprios termos. Obviamente, o texto deve ter algo a dizer a respeito de qual escola de interpretação alinha-se melhor com seus dados.

O mesmo período de tempo. Uma razão para selecionar estas três passagens (Dn 12; Ap 12-13) é que elas têm vários elementos em comum. Todas as três passagens descrevem o mesmo período de tempo. Em Daniel 12:7 é dado (em hebraico) como três tempos e meio. A mesma fraseologia de três tempos e meio aparece em Apocalipse 12:14 (em grego). Isto, por sua vez, está em paralelo com os 1260 dias do verso 6. Finalmente, Apocalipse 13:5 repete este mesmo período novamente, neste caso como 42 meses e os 42 meses equivalem aos 1260 dias.

Os mesmos eventos. Estas passagens não apenas se referem ao mesmo período de tempo, mas também descrevem os mesmos eventos que ocorreram durante aquele

*Publicado originalmente em Inglês: "Time Profecies of Daniel 12 and Revelation 12-13," capítulo XIV de *Symposium on Revelation - Book I* (Washington DC: Biblical Research Institute, 1992), Volume 6, pp. 327-360, da série "Daniel and Revelation Committee Series" (7 vols.). Traduzido e publicado neste periódico com permissão do BRI e da Casa Publicadora Brasileira, detentora dos direitos de publicação da série DARCOM em língua portuguesa.

**William H Shea, Ph.D. em Línguas Semíticas. Foi professor da Andrews University por 14 anos, e por cerca de 12 anos diretor associado do Biblical Research Institute em Washington, DC, EUA.

¹W. H. Shea, "The Year-Day Principle - Part 1" in *Selected Studies on Prophetic Interpretation*, DARCOM Series, vol. 1 (Washington DC: Biblical Research Institute, 1982) 56-88.

período. Daniel 12:7 identifica este período como a “destruição” do poder do povo santo. Apocalipse 12:6 e 14 identificam-no como um tempo em que a mulher, que representa a igreja, é forçada a fugir de seu perseguidor, a besta-dragão motivada pelo diabo, e a se esconder no deserto. A última passagem, Apocalipse 13:5, identifica este período como um tempo em que o poder da besta exerce sua autoridade contra os santos.

Assim, temos, nestas passagens, um mesmo período de tempo (1260 dias e equivalentes) e um evento comum: a perseguição dos santos. Há, naturalmente, outros elementos nestas passagens. Os aspectos mencionados acima, junto com esses, têm sido objeto de controvérsia. Contudo um novo exame destas passagens do ponto de vista de seu contexto e conteúdo pode ser útil para dar um melhor entendimento de sua interpretação.

Daniel 12

Três períodos de tempo

Há, de fato, três períodos de tempo nesta parte da profecia de Daniel. O verso 7 menciona os três tempos e meio para a destruição do poder do povo santo. O verso 11 menciona um período de 1290 dias em conexão com a remoção do “diário” ou “contínuo” e o estabelecimento da abominação desoladora. E o verso 12 menciona um período de 1335 dias até que uma certa benção seja concedida. Todas as três profecias necessitam ser estudadas em conjunto.

Os comentadores têm se referido a estes períodos de tempo, e suas explicações refletem as diferentes escolas de interpretação profética. A escola preterista considera estes períodos como tempo literal, referindo-se aos eventos no reinado de Antíoco Epifânio (segundo século a.C.). Os intérpretes futuristas constróem estes mesmos períodos de tempo, em relação com o fim da história, ainda futuros em relação ao agora em que isto está sendo escrito. Eles também os vêem como unidades de tempo literal. Os intérpretes historicistas por outro lado, compreendem estas unidades de tempo como símbolos e, assim, representando longos períodos de tempo histórico real.

Abordagens preteristas. Para começar, ilustremos a abordagem preterista, com uma citação do comentário padrão de J. A. Montgomery na série do *International Critical Commentary*. Montgomery credita ao crítico da forma Hermann Gunkel a posição que ele adota em seu comentário:

A sugestão de Gunkel ..., aceita por [outros comentadores], seguida aqui, é que os dois vv. [12:11, 12] são glossas sucessivas com a intenção de prolongar o período de 1.150 dias anunciado em 8:14; esse período não se cumpriu e estas glossas, que devem ser muito antigas, sucessivamente estenderam o tempo para 1.290 e 1.335 dias. Para as dificuldades no

caminho da assimilação destes três números contraditórios, basta dar uma olhada no que os comentadores dizem sobre este ponto.²

Vários problemas com esta interpretação podem ser notados de saída. Montgomery divide os 2.300 dias de Daniel 8:14 de acordo com um sacrifício da tarde e um da manhã, mas esta separação e divisão não é justificável.³ Os números não são contraditórios porque eles não tratam das mesmas coisas. O verso 7 fala sobre a perseguição dos santos; o verso 11 fala sobre a abominação desoladora; e o verso 12 enfatiza um aspecto positivo, uma benção. O próprio Montgomery nota as dificuldades envolvidas na manipulação dos números desta maneira.

Uma declaração mais recente desta opinião comum é apresentada no comentário sobre Daniel de E. Heaton:

Muitos eruditos tomam a posição de que estes dois versos são glossas sucessivas acrescentadas quando a Nova Era ainda tardava, após se esgotarem os 1.150 dias de 8:14. A nova datação do verso 11 – 1290 dias – é o valor mais longo que pode ser dado aos três anos e meio encontrados no verso 7 e em 7:25. A extensão posterior do período de 1335 dias no v. 12 deixa todo o mundo tentando adivinhar.⁴

Assim, a interpretação padrão dos três períodos de tempo em Daniel 12, segundo a escola preterista, é que o autor pseudo-epígrafo (ou um redator posterior) acrescentou estes três períodos em sucessão, em um apêndice, ao rolo quando os eventos esperados não ocorreram. Ele necessitou ir alongando os supostos 1.150 dias quando suas predições, uma após a outra, não se cumpriram (1150→1260→1290→1335). Esta interpretação, obviamente, acarreta uma visão muito diferente da visão da própria Escritura sobre a natureza da revelação e da inspiração. Isto não é predição divina verdadeira revelada ao profeta. Ao contrário, como um ser humano, o “profeta” simplesmente supõe erroneamente. Não há auxílio divino.

Há, naturalmente, outras posições a respeito destes períodos de tempo até mesmo dentro da escola preterista. A. Lacocque, por exemplo, considera estas datas como ocasiões em que sucessivas edições do livro foram feitas e distribuídas.

Portanto, 1290 dias = três anos mais um mês. Pode ser que este mês extra represente o período de composição da grande visão de Dn 10-12.

(d) ‘1335 dias’ em Dn 12:12 acrescentando outro mês e meio ao número precedente. Podemos ver aqui o atraso antes da publicação final do livro de Daniel em sua totalidade (= dois meses e meio após a purificação do Templo em 12 de Dezembro, 164, ou Fevereiro de 163).⁵

²J. A. Montgomery, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, ICC (Edinburgh, 1927), 477.

³S. J. Schwantes, “‘Ereb boqer of Dan 8:14 Re-examined,’ *AUSS* 16 (1978): 375-85.

⁴E. Heaton, *Daniel*, Torch Bible Paperbacks (London, 1956), 250.

⁵A Lacocque, *The Book of Daniel* (Atlanta, 1979), 250.

Nem todos os comentadores da escola preterista consideram satisfatória a idéia de sucessivas glossas dilatando o tempo. Hartman e Di Lella criticam esta posição porque os números não se encaixam nos períodos históricos conhecidos:

O problema com esta teoria é que, segundo I Macabeus, o Templo foi profanado em 6 de Dezembro de 167 a.C. (I Mac. 1:54), um período de três anos e oito dias no calendário Juliano, ou uma soma de 1,103 dias – $(365 \times 3) + 8$ – algo menos do que os 1.150 dias preditos em 8:14, e os três anos e meio ou 1260 dias... Em vista destas circunstâncias, parece melhor admitir que o que os glossadores tinham em mente, como acontecimento no fim dos 1.290 dias em 12:11 e 1.335 dias em 12:12, simplesmente não pode ser determinado com qualquer segurança. É possível apenas fazer suposições.⁶

Abordagens futuristas. Deixando de lado a confusão dos comentadores preteristas, notamos que os intérpretes futuristas estão em situação mais confortável. Uma vez que eles põem estes eventos no futuro (nenhum evento ocorreu ainda), o intérprete não tem qualquer dado histórico para testar a veracidade ou falsidade de sua teoria. Contudo, há divergências entre os eruditos desta escola a respeito de como estes períodos devem ser aplicados e a respeito do que eles significam.

J. Walvoord vê estes períodos de tempo adicional como referindo-se um pequeno atraso de tempo entre a segunda Vinda de Cristo e o estabelecimento de Seu reino milenar:

Embora Daniel não explique estas diferentes durações, é óbvio que a Segunda Vinda de Cristo e o estabelecimento de Seu reino milenar exige tempo. O período dos 1.260 dias ou precisamente quarenta e dois meses de trinta dias cada um, pode ser considerado como culminando com o próprio segundo advento. Este é seguido por vários julgamentos divinos tais como o julgamento das nações (Mt 25:31-46), e o reajuntamento e julgamento de Israel (Ez 20:34-38). Estes grandes julgamentos começando com os vivos sobre a terra e a eliminação dos descrentes que adoraram a besta, embora administrado rapidamente, exige tempo. Nos 1.335 dias, ou setenta e cinco dias após o segundo advento, estes grandes julgamentos terão sido realizados e formalmente lançado reino milenar. Os que alcançam este período são, obviamente, aqueles que foram julgados dignos de entrar no reino. Consequentemente são chamados de "bem-aventurados".⁷

Leon Wood segue a mesma abordagem em seu comentário sobre Daniel de orientação futurista, mas ele é um pouco mais específico sobre isto.

Uma pista a respeito de como eles (os trinta dias extra dos 1290) se encaixam nesta semana (de Tribulação) é encontrada em Mateus 25:31-46, que descreve um tempo de julgamento realizado por Cristo imediatamente após Ele vir em poder para fechar este período. O propósito do julgamento é determinar aqueles que terão permissão de entrar e desfrutar da bem-aventurança do período milenar.⁸

Sobre os 1.335 dias Wood observa,

O pensamento assim sugerido é que isto será o ponto de partida do Milênio. Aqueles que passaram no julgamento de Cristo, durante os trinta dias precedentes, são aqueles que o atingirão, após estes quarenta e cinco dias adicionais. Qual será a necessidade destes

⁶L. F. Hartman and A. A. Di Lella, *The Book of Daniel*, AB, 23 (Garden City, NY, 1978): 313-14.

⁷F. Walvoord, *Daniel: The Key to Prophetic Revelation* (Chicago, 1971), 295-96.

⁸L. Wood, *A Commentary on Daniel* (Grand Rapids, 1973), 328.

quarenta e cinco dias? Pode ser o tempo necessário para o estabelecimento da máquina governamental para dar continuidade ao domínio de Cristo. A plena e verdadeira fronteira de Israel ... será estabelecida, e serão nomeados os que permanecerão no governo. Um período de quarenta e cinco dias pareceria, novamente, ser razoável para executar estes pontos.⁹

Fazer estes períodos de 30 e 45 dias se estenderem para *além* da segunda Vinda de Cristo e inseri-los no milênio, ou até ele, parece uma situação desajeitada. Cria um tipo de vácuo entre a vinda de Cristo e o começo do milênio, quando os dois eventos deveriam na realidade serem simultâneos.

Abordagem historicista. Os intérpretes historicistas têm tratado os períodos de tempo destes versos como simbólicos e aplicado em sua interpretação o princípio dia-ano. Isto resulta em longos períodos de tempo histórico real: 1260, 1290, e 1335 anos. Para um exemplo de como estes períodos de tempo têm sido interpretados por um comentador, pode ser citada a obra de Urias Smith. Smith identifica o primeiro período ao afirmar, "os 1260 anos marcam o período de supremacia papal."¹⁰ Alhures, em seu comentário sobre Daniel 7:25, Smith explica que este período se estende de 538 A.D. até 1798 A.D. "A partir deste ponto [538, a data efetiva do decreto de Justiniano] manteve o papado, realmente, supremacia por mil duzentos e sessenta anos? – Exatamente. Pois $538 + 1260 = 1798$; e no ano de 1798 Berthier, com um exército francês, entrou em Roma, proclamou a república, fez o papa prisioneiro e infligiu uma ferida mortal sobre o papado."¹¹

Em relação aos 1290 dias Smith nota: "Os dois períodos, portanto, os 1290 e os 1260 dias, terminam juntos em 1798, o último começando em 538 e o primeiro em 508, trinta anos antes."¹² A vitória pró-papal de Clóvis, rei dos Francos, sobre os Visigodos Arianos é citada como o evento significativo de 508.¹³

Tomando os 1335 dias de Daniel 12:12, Smith, a seguir, calcula: "A partir deste ponto eles se estenderiam até 1843, pois 1335 somado com 508 resulta em 1843."¹⁴ Smith cita o reavivamento milerita daquele tempo como o bendito evento que deveria ocorrer então:

Por volta do ano de 1843, houve uma grande culminação de toda a luz que havia sido derramada sobre os assuntos proféticos até aquele tempo. A proclamação avançou em poder. A nova e emocionante doutrina do estabelecimento do reino de Deus sacudiu o mundo. Nova vida foi comunicada aos verdadeiros discípulos de Cristo. Os descrentes foram condenados, as igrejas foram testadas, e foi despertado um espírito de reavivamento que não tem tido paralelo desde aquele tempo.¹⁵

⁹*Ibid.*

¹⁰U. Smith, *The Prophecies of Daniel and Revelation*, rev. Ed. (Nashville, 1944), 320.

¹¹*Ibid.*, 145.

¹²*Ibid.*, 323-24

¹³*Ibid.*, 324-32.

¹⁴*Ibid.*, 331.

¹⁵*Ibid.*

Relacionamentos Contextuais

Tendo investigado estes três pontos de vista quanto a interpretação que oferecem dos períodos de tempo de Daniel 12, podemos agora nos dirigir para o assunto contextual. Isto é especialmente crucial para o ponto de vista preterista, pois os eruditos preteristas tratam esta seção (12:5-12) de datas como um apêndice, como glossas que foram acrescentadas após o corpo principal da profecia ter sido escrito. É a natureza de Daniel 12:5-12 realmente esta?

Arranjo literário da quarta visão. Primeiro: a estrutura geral da visão inteira deveria ser notada. Este segmento do livro cobre Daniel 10-12. Estes três capítulos compreendem uma profecia inteira. Basicamente o capítulo 10 é a introdução; o capítulo 11:1-12:4 é o corpo, a porção didática da profecia de Gabriel e 12:5-13 é sua conclusão.

É a conclusão (12:5-13) simplesmente um apêndice, uma reflexão tardia ou um ajuste? Ou é uma parte integral da profecia como um todo? A primeira é a proposta preterista; a última é a proposta defendida aqui.

Localização dos períodos de tempo. Uma forma de abordar as passagens de períodos de tempo no capítulo 12 é notar a posição de seus paralelos nas outras profecias do livro. Por exemplo: Daniel 7 descreve sua visão nos versos 1 a 14. O período de tempo (para as atividades do pequeno chifre na visão) é dado no verso 25. O mesmo tipo de fenômeno ocorre em Daniel 8. A visão cobre os versos 1-12. No fim do verso do 12 a visão é interrompida e ali começa uma audição. O profeta ouve enquanto dois anjos conversam acerca do que foi mostrado a Daniel. É nesta audição que o período dos 2300 dias são comunicados a Daniel.

Em outras palavras, o método padrão em Daniel para a apresentação de períodos de tempo é, primeiro, apresentar a visão ou profecia propriamente dita; então, é dado o período. Mas o período de tempo é entendido estando em relação direta com o que foi dado na descrição prévia da visão. O mesmo modelo pode ser aplicado a quarta visão registrada em Daniel 10-12. Neste caso os períodos de tempo mencionados no capítulo 12 (a conclusão da visão) relacionam-se diretamente com os eventos históricos descritos no capítulo 11 (o corpo da visão). Isso demonstraremos lingüisticamente abaixo, mas aqui sumariamos no diagrama 1 o relacionamento (em termos de localização) entre a visão propriamente dita e o[s] período[s] de tempo que a acompanha[m].

Diagrama 1

	<i>Daniel 7</i>	<i>Daniel 8</i>	<i>Daniel 10-11</i>
A visão propriamente dita	vv. 1-14	vv. 1-12	11:1-12:4
Elementos de tempo	v. 25	vv. 13-14	12:5-13

A exceção a esta regra é a profecia encontrada em Daniel 9:24-27. Há, provavelmente, uma razão para esta exceção. A natureza desta profecia é diferente.

Daniel 7, 8 e 11 são o que nós chamaríamos de profecias de esboço, profecias que esboçam a ascensão e queda das nações e seus governantes. Daniel 2 também tem natureza, mas não contém quaisquer períodos de tempo específico. Daniel 9:24-27, contudo, é uma profecia mais local e limitada.

Gabriel diz a Daniel que esta profecia é para “teu povo e sobre tua santa cidade.” Não é uma profecia de esboço, mas uma profecia que enfoca especificamente os Judeus e sua capital Jerusalém em Judá. O período de tempo, dado no início, é distribuído através da profecia. Esta é outra maneira de demonstrar que a profecia de Daniel 9 está unida à profecia precedente. A profecia anterior (Dn 8) terminou com um período de tempo, e esta começa com um período de tempo, mostrando assim que está sendo retomado o assunto vinculado do tempo.

Deixando de lado a situação singular de Daniel 9, podemos dizer que a distribuição dos períodos de tempo de Daniel 12 se enquadra no mesmo padrão em relacionamento com Daniel 11, que encontramos no caso das profecias e seus elementos de tempo em Daniel 7 e 8. Não há base estrutural literária para deixar Daniel 12 fora do corpo principal da profecia como um apêndice ou uma série de glossas. Tendo visto as conexões com outras críticas ao ponto de vista preterista, mencionadas acima, este aspecto da teoria preterista se apoia em base muito fraca realmente.

Vínculos verbais. Voltemo-nos agora para a questão dos vínculos lingüísticos específicos e diretos entre a conclusão (12:5-13) e o corpo (11:1-12:4) da visão. Se a evidência estrutural, literária enfraquece a interpretação preterista, pode ser dito que os vínculos lingüísticos enfraquecem a interpretação futurista. Estes vínculos não deixam lugar para que os períodos de Daniel 12 sejam aplicados depois do surgimento de Miguel (12:1). Ao contrário, estes períodos devem ser aplicados antes desse tempo na profecia. Assim, eles não podem ser situados no intervalo entre a segunda Vinda de Cristo e o começo do milênio. Trataremos destes períodos em sequência.

1. Daniel 12:7. O primeiro, consistindo de três tempos e meio, ocorre em Daniel 12:7. Esta passagem está indissoluvelmente entrelaçada com uma passagem e conjuntura específicas na profecia de Daniel 11 de acordo com os verbos e substantivos usados para expressar estas idéias. Os vínculos formados desta maneira são estreitos demais para serem cortados. Disso pode-se concluir que Daniel 12 não pode ser cortado de Daniel 11. Ver diagramas 2 e 2a.

Deveria ser lembrado que Daniel 12:7 é uma resposta a uma questão. A pergunta obviamente tinha que ver com a interrogação que Daniel havia acabado e receber (12:1-12:40). Daniel havia perguntado, “Quando se cumprirão estas maravilhas?” (Dn 12:6). Em resposta a isso o anjo respondeu sob juramento “que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão” (v. 7).

A menos que esta pergunta e resposta estejam completamente desconectadas com o que Gabriel havia dito anteriormente ao profeta, deve haver alguma evidência no corpo da profecia a respeito de quando ocorreu a destruição do poder do povo

santo. Na verdade existe. Há precisamente um lugar no qual a perseguição dos santos é descrita no corpo da profecia, está em Daniel 11:32-35. De acordo com o conteúdo desta passagem, única em Daniel 11, é aqui que o período de tempo de Daniel 12: deve ser aplicado. Os vínculos lingüísticos entre Daniel 11:32-35 (corpo) e Daniel 12:7-10 (conclusão) demonstrando a plausibilidade de sua conexão, podem ser esboçados como segue, no diagrama 2.

Diagrama 2

A Grande Perseguição*	
Daniel 11:32-35, ARA	Daniel 12:7-10, ARA
1. "Aos violadores [<i>marshi'e</i>] da aliança" (v. 32). 2. "Os sábios [<i>umashkille</i>] entre o povo ensinarão [<i>yabinu</i>] a muitos" (v. 33). 3. "Alguns dos sábios cairão para serem provados [<i>lisrop</i>]," 4. "purificados [<i>ulebarer</i>]" 5. "e embranquecidos [<i>welalben</i>]" 6. "até ao tempo do fim" (v. 35).	4. "Muitos serão purificados [<i>yitbararu</i>]," 5. "embranquecidos [<i>weyitlabbenu</i>]" 3. "e provados [<i>weyissarepu</i>]" (v. 10) 1. "mas os perversos [<i>resha'im</i>] procederão perversamente [<i>whirshi'u</i>]," 2a. "e nenhum deles [dos ímpios, <i>resha'im</i>] entenderá [<i>weloyabinu</i>]," 2b. "mas os Sábios [<i>wehamashkilim</i>] entenderão [<i>yabinu</i>]" (v. 10).
*Nota: As sentenças citadas ocorrem, nas respectivas passagens, na ordem em que são numeradas.	

Seis paralelos verbais são documentados aqui. Em Daniel 11:32-35, cinco destes termos são usados uma vez, e um deles é usado duas vezes. Em Daniel 12:7-10 quatro destes termos são usados uma vez, um é usado duas vezes e outro é usado três vezes. Não há dúvida de que, com base nestes fortes vínculos lingüísticos, as duas passagens estão falando sobre a mesma coisa. Assim o período de Daniel 12:7 deveria ser aplicado para datar a extensão da perseguição descrita em Daniel 11:32-35.

Este é o lugar no corpo da profecia ao qual pertence este tempo profético. Não pertence a uma era posterior ao fim da profecia. Antes, pertence ao coração do corpo da profecia, exatamente na corrente principal dos tempos e dos eventos. O diagrama 2a sumaria estes mesmos vínculos e pode ser útil para o leitor não familiarizado com hebraico. Note que enquanto as formas podem variar nas duas passagens, estes seis paralelos verbais derivam das mesmas raízes.

2. Daniel 12:11. Progredindo a seguir para Daniel 12:11, observamos que não pode haver dúvidas quanto ao lugar em que este período de tempo se encaixa. Ele está conectado diretamente com Daniel 11:31. As frases mais importantes desta duas passagens podem ser citadas lado a lado, e os vínculos verbais mais importantes, em hebraico, podem ser mostrados em transliteração. Ver diagrama 3.

O mesmo tipo de tabulação que fizemos para Daniel 12:7-10 em conexão com Daniel 11:32-35 pode agora ser feito para Daniel 12:11 e Daniel 11:31. Há, em hebraico, cinco paralelos verbais diretos entre essas duas passagens. A principal diferença entre elas é que Daniel 11:31 está na voz ativa e 12:11 está na voz passiva.

Diagrama 2a

Resumo de Seis Paralelos Hebraicos para Daniel 11: 32-35 e 12: 7-10			
Raiz	Formas Daniel 11:32-35	Formas Daniel 12:7-10	Tradução (idéia da raiz)
*rs	marshi'e	resh'aim wehirshi'u resha'im	"proceder iniquamente"
*skl	umaskile hammaskilim	wehammaskilim	"ter introvisão"
*byn	yabinu	yabinu welo'yabinu	"compreender"
*srp	litsrop	weyitsarepu	"refinar"
*brr	ulebarer	yitbararu	"depurar"
*lbn	welaben	weyitlabbenu	"tornar branco"

A primeira diz que fará as coisas mencionadas, enquanto que a segunda enfatiza o que deveria ser feito. Os vínculos lingüísticos, contudo, são tão fortes que não pode haver dúvidas de que as duas passagens estão falando precisamente da mesma coisa. Isso significa que os 1290 dias, supridos por Daniel 12:11, deveriam ser aplicados a Daniel 11 no ponto em que ocorrem os eventos descritos no verso 31. Esse período de tempo está definitivamente conectado com os eventos de 11:31. Não pode ser colocado depois na seqüência da profecia ou em algum tempo futuro para além do final da profecia. Essas relações são tabuladas no diagrama 3a para mostrar as mesmas cinco raízes que aparecem em ambas as passagens.

Podemos agora sumariar as relações que emergiram de nossa comparação entre esses dois conjuntos de passagens. De acordo com suas características lingüísticas, pode ser determinado que três tempos e meio de Daniel 12:7 devem ser usados para datar a perseguição de Daniel 11:32-34. É também evidente que os 1290 dias de Daniel 12:11 devem ser usados para datar a remoção do diário ou contínuo e o estabelecimento da abominação desoladora em Daniel 11:31. Esses são os lugares, no fluxo dos eventos em Daniel 11, nos quais esses períodos de tempo devem ser situados. Os períodos de tempo não pertencem a um período posterior na profecia,

nem pertencem a um período posterior ao seu final, como reflexão tardia. Estão intimamente ligados à profecia precedente nesses pontos.

3. Daniel 11:40. De especial importância nesta conexão é a referência ao “tempo do fim” em Daniel 11:40. No livro de Daniel o tempo do fim não é o fim do tempo, como se fosse um ponto no tempo em que todas as coisas chegassem a sua conclusão. Ao contrário, o tempo do fim no livro de Daniel é um período de tempo (cf. 8:15; 11:35; 12:4). Eventos ocorrem neste período de tempo, e alguns destes eventos são descritos em Daniel 11:40-45.

Diagrama 3

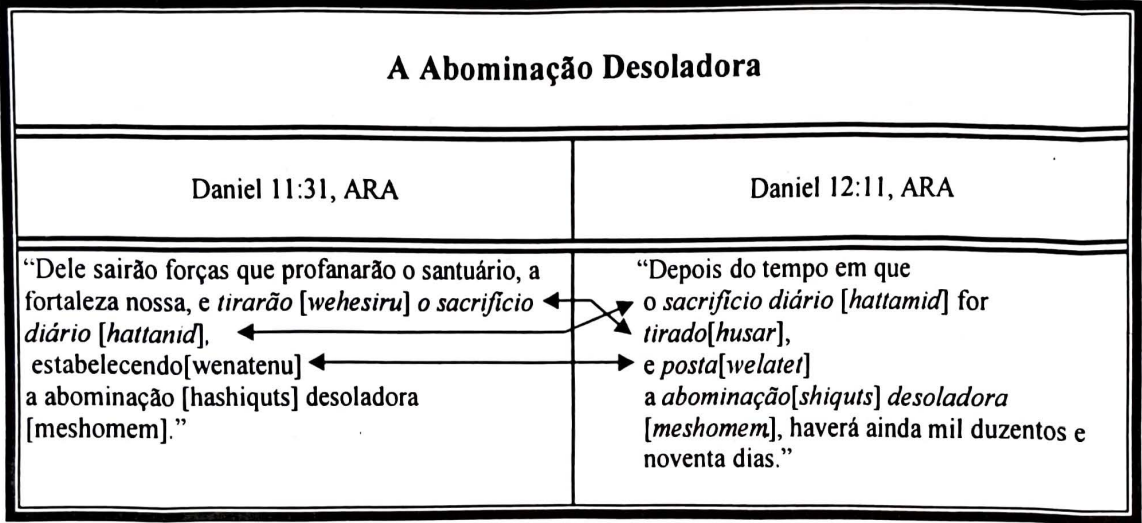


Diagrama 3a

Sumário dos Paralelos Hebraicos para Daniel 11: 31 e 12: 11			
Raiz	Formas Daniel 11:31	Formas Daniel 12:11	Tradução (idéia da raiz)
1. *swr	weheshiru	husar	“remover”
2. *tamid	hattamid	hattamid	“contínuo”
3. *ntn	wenatenu	wetatet	“dar”
4. *shiqquts	hashiqquts	Shiqquts	“abominação”
5. *shmm	meshomem	Shomem	“estar horrorizado, desolado.”

Agora emerge a questão, “Qual é o relacionamento dos períodos de tempo em Daniel 12 com “o tempo do fim” profetizado no fechamento de Daniel 11? A resposta já foi dada acima. Esses períodos de tempo ocorrem antes do tempo do fim. Não são períodos de tempo que pertencem ao tempo do fim. Não medem eventos que ocorrem no tempo do fim. Ocorrem antes dessa era. Sabemos isso porque os 1290 dias de Daniel 11:31 e os 1260 dias de Daniel 11:32-35 ocorrem

nessa profecia antes que o tempo do fim apareça em Daniel 11:40. Isso torna impossível conectar os períodos de tempo de 1260 e 1290 com qualquer coisa que tenha a ver com a segunda Vinda de Cristo e o começo do milênio, como têm sido defendido pelos intérpretes futuristas ou dispensacionalistas. Esse estudo não é um tratamento em detalhe das aplicações históricas. É, antes, um estudo do contexto e do conteúdo das relações entre esses períodos de tempo no texto de Daniel 11 e 12. Quando o texto é estudado cuidadosamente, percebe-se que a interpretação preterista não se encaixa bem. As aplicações históricas propostas para esses períodos de tempo não se encaixam em nosso conhecimento de sua extensão de tempo a partir de suas descrições históricas. Daniel 12 não é um apêndice equivocado com dilatada série de profecias fracassadas. Nem esses eventos encaixam-se bem com eventos posteriores à Segunda Vinda de Cristo e anteriores ao milênio como os intérpretes futuristas têm sustentado. Do ponto da profecia no qual eles começam, de acordo com suas conexões lingüísticas, eles devem preceder, não suceder, o tempo do fim. A partir das relações intratextuais, portanto, os 1260 e 1290 dias de Daniel 12 não pertencem ao tempo de Antíoco Epifânio, no segundo século a.C., como sustentam os intérpretes preteristas; mas eles são muito mais bem conectados com o coração do fluxo da história, como encontrada em Daniel 11:31 e 11:32-35, como a visão historicista sustenta. Aplicações históricas detalhadas disso devem ser reservadas para outra ocasião e para os comentários historicistas que já trataram destes períodos de tempo.

4. Daniel 12:12. O anjo não diz nada acerca do período de 1335 dias a não ser pronunciar uma benção sobre o que “espera e chega” ao final desse período. Não é explicado porque tal pessoa é bem-aventurada. Paralelos lingüísticos para vincular os três tempos e meio com os 1290 dias e definir localizações em Daniel 11 não estão disponíveis. Por outro lado ninguém argumenta o período de 1335 dias deveria ser separado do período de 1290. Todas as escolas de interpretação concordam muito, pelo menos, nisto: Os três períodos de tempo de Daniel 12 devem ser estudados em conjunto. O sentido óbvio dos versos 11-12 vincula os períodos de 1290 e 1335 em um relacionamento especial. Uma vez que pode ser demonstrado, em bases lingüísticas, que o período dos 1290 dias está definido na localização de tempo para os eventos de Daniel 11:31, podemos concluir que o período de 1335 dias começa ao mesmo tempo, com os mesmos eventos. A visão historicista expressa por Uriah Smith de que estes períodos começam em 508 e terminam em 1798 e 1843 encaixam-se bem com os dados bíblicos.¹⁶

Quanto a “bem-aventurança” no final dos 1335 dias em Daniel 12:12, podemos procurar por conexões apocalípticas em outro lugar. É interessante notar que a bem-aventurança é pronunciada no Apocalipse para um certo grupo do tempo do fim. Refiro-me à bem-aventurança pronunciada sobre os que morrem no Senhor em conexão com as três mensagens angélicas. As mensagens propriamente ditas

¹⁶Ver nota 14.

encontram-se em Apocalipse 14:6-12 e a benção prometida é encontrada no verso 13. A Segunda Vinda de Jesus é descrita a seguir no verso 14.

Aqui, então, está a bem-aventurança intimamente relacionada com a volta de Jesus, mas que a precede. É pronunciada em relação com o julgamento que é proclamado em Apocalipse 14:6. Esse julgamento deve ser identificado pelas profecias acerca do julgamento na corte celestial em Daniel 7-8. O julgamento é descrito no capítulo 7, e seu tempo (1844) é anunciado no capítulo 8. Seria natural e lógico que esta bem-aventurança, encontrada no final de Daniel, esteja em conexão com esse julgamento, cuja conclusão é também descrita anteriormente em Daniel 12:1-4.

A partir destas conexões potenciais, pode ser sugerido que a bem-aventurança pronunciada em Daniel 12:12, em conexão com um julgamento datado profeticamente, é vinculada com a bem-aventurança pronunciada no livro de Apocalipse depois que o julgamento começou, mas antes que ele termine por ocasião da volta de Cristo. A sugestão aqui, então, é que a bem-aventurança de Daniel 12:12 possa provavelmente ser vista como suplementando a bem-aventurança de Apocalipse 14:13 no Novo Testamento. A primeira bendiz os privilegiados em viver e ver o começo do julgamento final no céu, o qual reconciliará todas as coisas. A última bendiz aqueles crentes que podem morrer durante o tempo e pregação daquele julgamento.

Apocalipse 12

O mesmo período de tempo profético encontrado em Daniel 12:7 aparece duas vezes em Apocalipse 12. No verso 14 aparece como três tempos e meio, no verso 6 é igualado a 1260 dias.

Sua interpretação segue os mesmos padrões que encontramos geralmente na literatura sobre Daniel e Apocalipse. Os preteristas situam os eventos desses capítulos e seus períodos de tempo no primeiro século da Era Cristã. Os futuristas, especialmente os futuristas dispensacionalistas, colocam esse período de tempo e a perseguição associada a ele, no final da história, no tempo da grande tribulação a ocorrer na segunda metade dos últimos sete anos da história terrestre. Os historicistas, por outro lado, tomam esta profecia como empregando tempo simbólico (= 1260 anos) e aplicam-na à grande perseguição sofrida pela igreja verdadeira durante a Idade Escura (538-1798). A diferença entre estas abordagens pode ser notada por uns poucos comentários dos intérpretes.

Abordagens preteristas. Ao falar da perseguição descrita em Apocalipse 12, Mounce retrocede, por assim dizer, para determinar "a causa subjacente da hostilidade a irromper sobre a igreja."¹⁷ Ele trata do assunto da perseguição, neste capítulo, um tanto genericamente, mas interpreta o verso 6 como segue: "A mulher foge para o deserto para ser sustentada por Deus durante 1260 dias. A fuga da

¹⁷R. H. Mounce, *The Book of Revelation* (Grand Rapids, 1977), 234.

mulher pode, em parte, refletir a fuga da Igreja palestinese para Pela por ocasião da irrupção da guerra judaica no ano 66 A.D. Os filhos de Deus freqüentemente estão em fuga.”¹⁸

J. M. Ford apresenta uma ênfase semelhante no primeiro século ao interpretar a mulher como sendo a comunidade cristã do primeiro século, e uma comunidade um pouco restrita a isto: “Se a mulher é a comunidade fiel, tal como a que se encontra em Qumrã, é uma comunidade que vive, trabalha, ora, e luta, na companhia dos anjos bons os quais podem, até mesmo, ser incluídos na imagística das estrelas em volta da sua cabeça.”¹⁹ Ele generaliza em seu comentário sobre a unidade de tempo. A Mulher é sustentada por três tempos e meio ou 1260 dias, “talvez significando até o fim da perseguição ... É um tempo de provação que vem antes do começo definitivo do Reino de Deus. Representa também o oposto de eternidade. Mas pode, adicionalmente, ser um número messiânico.”²⁰

Abordagem futurista. No outro extremo da escala, encontramos o intérprete dispensacionalista J. F. Walvoord. Neste sistema a mulher não é a igreja mas Israel, nos últimos dias, durante a grande tribulação. O elemento de tempo (1260 dias) é tempo literal, mas o período ocorre no extremo oposto da Era Cristã onde os preteristas o situam. Walvoord admite a grande lacuna que deve existir entre essa aplicação ao fim do período dos 1260 dias e o começo da era (com Israel como a mãe do Messias).

A atenção é então direcionada, contudo, para a mãe da criança, novamente representada como Israel. Aqui ela é vista em tempo de grande tribulação, como que fugindo para o deserto para um lugar preparado por Deus onde por 1.260 dias ela é cuidada (novamente a extensão exata de três anos e meio). Há, obviamente, um tremendo lapso de tempo entre os versos 5 e 6, mas isto não é incomum em profecia; a primeira e segunda vinda de Cristo são freqüentemente mencionadas na mesma sentença. Enquanto que Israel está em comparativa tranqüilidade e segurança nos primeiros três anos e meio da septuagésima semana de Daniel (Dn 9:27), a referência deve ser à preservação de uma parte da nação de Israel durante a grande tribulação para esperar a segunda Vinda de Cristo.”²¹

Um comentário e aplicação semelhante dos três tempos e meio são feitos para o verso 14, uma vez que ele os considera como delimitando o mesmo período de perseguição mencionado no verso 6.

O elemento de tempo do sofrimento de Israel é descrito como ‘um tempo, tempos e metade de um tempo.’ Isto novamente parece ser uma referência aos três anos e meio, a menção de um tempo seria uma unidade, a segunda referência a tempos, seria duas unidades, a adição de meio tempo perfaria três unidades e meia. Uma referência paralela é encontrada em Daniel 7:25 e 12:7 referindo-se ao mesmo período de grande tribulação.”²²

¹⁸ *Ibid.*, 239.

¹⁹ J. M. Ford, *Revelation*, AB, 38 (Garden City, 1975): 200.

²⁰ *Ibid.*, 239.

²¹ J. F. Walvoord, *The Revelation of Jesus Christ* (Chicago, 1966), 191.

²² *Ibid.*, 195.

Abordagem idealista. Em contraste com o preterista, que põe este período de tempo (três tempos e meio; 1260 dias) no começo da história, e com o futurista que o põe no fim da história, existem aqueles que os generalizam. O idealista aplica o período a Era Cristã em geral. Os comentários em P. Hughes representam esta abordagem:

Lá, "sustentada" por Deus, ela é capacitada para sobreviver por "mil duzentos e sessenta dias," definido de outra forma no verso 14, abaixo, como "um tempo, tempos e metade de um tempo" e, em 13:5 como "quarenta e dois meses," ou seja, por um período de duração limitada que é curto em comparação com a eternidade ilimitada de paz e liberdade que se seguirão no novo céu e nova terra.... O simbolismo na visão de S. João descreve a história do povo de Deus para quem o deserto é o mundo em sua pecaminosidade e hostilidade para com a verdade.²³

Hughes segue isto com um comentário semelhante sobre os três tempos e meio no verso 14. Ele declara mais claramente que os elementos de tempo (vv. 6, 14) simplesmente simbolizam toda a Era Cristã:

Este período denota três anos e meio e é o mesmo que 1.260 dias no verso 6 e quarenta e dois meses em 13:5. Ele simboliza o tempo, limitado por Deus, da perseguição da igreja por satanás sobre a terra, o tempo, ou seja, entre as vindas de Cristo.²⁴

Abordagem historicista. A escola historicista, seguindo o princípio dia-ano, delimita os 1260 anos a uma certa porção da Era Cristã, não a era em sua totalidade. A porção da Era Cristã a qual esse tempo profético é aplicado é a Idade Escura ou Idade Média quando os membros da verdadeira igreja de Deus tiveram que fugir para os mais remotos lugares por causa da perseguição lançada contra eles.

Representativo deste ponto de vista é o comentário de U. Smith, já citado acima sobre Daniel 11-12. Smith afirma esta posição claramente em seu comentário sobre Apocalipse 12:14:

A igreja fugiu para o deserto no tempo em que o papado estava firmemente estabelecido em 538, onde ela foi sustentada pela palavra de Deus e a ministração de anjos durante o longo, escuro, e sangrento domínio daquele poder por 1260 anos.²⁵

Ele reitera esta posição em seu comentário sobre Apocalipse 12:14:

A menção do período durante o qual a mulher é sustentada no deserto como "um tempo, tempos e metade de um tempo," fraseologia semelhante àquela usada em Daniel 7:25, fornece uma chave para a explicação desta última passagem. O mesmo período é chamado em Apocalipse 12:6 de "mil duzentos e sessenta dias." Isso mostra que "um tempo" é um ano, 360 dias; dois "tempos," dois anos, ou 720 dias; e "metade de um tempo," meio ano, ou 180 dias, perfazendo um total de 1260 dias. Estes dias, sendo simbólicos, significam 1260 anos literais.²⁶

²³P. E. Hughes, *The Book of Revelation* (Grand Rapids, 1990), 137.

²⁴*Ibid.*, 141.

²⁵U. Smith, *The Prophecies of Daniel and Revelation*, 553.

²⁶*Ibid.*, 558.

Assim, o padrão, que encontramos entre os expositores, é o mesmo que encontramos no caso de Daniel, na seção prévia de nosso estudo. Os intérpretes preteristas põem esses períodos proféticos em tempos passados; o futurista os põe ainda no futuro; e o historicista os aplica como se estendendo através da história desde os tempos passados até os tempos modernos. A questão é: Qual destes pontos de vista o texto favorece? Que elementos existem na passagem que apoiam uma ou outra destas interpretações?

Nosso estudo neste artigo é sobre a estrutura literária, contexto e conteúdo, para ver de que forma esses aspectos das passagens sob escrutínio abordam esta questão. Portanto, mais uma vez, examinemos a estrutura literária. Diríamos que ela é um elemento essencial para compreender o texto de Apocalipse 12.

Assim que a estrutura é compreendida, o padrão que ela apresenta dá forte apoio a visão historicista que vê esse texto e seus períodos de tempo como se estendendo através da Era Cristã. Na verdade, quando esse aspecto do texto é apreciado, ele revela quão notável é esta passagem, cobrindo a era da igreja do primeiro advento de Cristo até a fase final da igreja, antes de Sua segunda vinda, em breves 17 versos.

Tratamos da estrutura literária de Apocalipse 12 em um estudo prévio.²⁷ Por causa da relevância daquele estudo para nosso presente empreendimento, uma porção significativa daquele ensaio é repetida aqui *ipsis literis*. Isso deve mostrar um quadro claro da estrutura literária presente em Apocalipse 12.

A Estrutura Literária de Apocalipse 12

A despeito de quaisquer dificuldades na interpretação, a progressão de pensamento em Apocalipse 12 é direta. Como os esboços nos comentários ilustram, as transições entre as principais unidades de pensamento do capítulo ou seções são relativamente bem demarcadas.

A narrativa começa com uma seção de cinco versos descrevendo um conflito entre uma mulher glorificada (vv. 1-2) – comumente interpretada como a igreja ou Israel como uma fase anterior da igreja – e o dragão (vv. 3-4) – comumente interpretado como o diabo e/ou seu[s] agente[s] terrestre[s]. O ponto particular deste conflito gira ao redor do homem-criança que a mulher dá à luz. Uma vez que este homem-criança foi arrebatado até o trono de Deus, e deve governar as nações com cetro de ferro (v. 5), ele é comumente, embora não universalmente, identificado pelos comentários como representando Jesus Cristo. Assim, podemos identificar esta seção inicial de cinco versos do capítulo 12, como descrevendo a fase inicial do conflito entre o dragão e a mulher.

O próximo verso da narrativa (v. 6) deve ser visto como uma transição para uma seção intermediária que trata mais profundamente do conflito entre o dragão e a mulher. Este verso de transição indica que ao ter dado à luz o homem-criança, a mulher, agora, mais definidamente identificável como a igreja, achou necessário

²⁷W. H. Shea, "The Paralell Literary structure of Revelation 12 and 20," *AUSS* 23 (1985): 37-54.

fugir para o deserto para se auto-preservar. Lá ela permaneceu, protegida por Deus, por um período de tempo específico – 1260 dias.

Neste ponto, o fluxo da narrativa que trata do conflito entre o dragão e a mulher é interrompido para incluir uma seção parentética (vv. 7-12) que explica a origem da inimizade do dragão para com a mulher. Esta seção da narrativa é em parte descritiva (vv. 7-9) e em parte hínica (vv. 10-12). A primeira porção desta seção central descreve um conflito no céu entre o dragão, “a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás” (v. 9) e seus anjos, e Miguel, o líder dos anjos que estão ao lado de Deus. Miguel e sua hoste saíram vitoriosos, e o dragão e sua hoste foram expulsos para a terra. A segunda parte desta seção central celebra a derrota do dragão e adverte os habitantes da terra a respeito de sua inimizade.

Várias interpretações diferentes têm sido propostas a respeito desta seção central. Alguns intérpretes a vêem como descrição de um conflito no céu antes da criação da humanidade. Outros a vêem como uma descrição da vitória alcançada por Deus sobre o diabo no tempo da encarnação de Cristo. Ainda outros a vêem como descrição da vitória que Deus obteve por ocasião da expiação efetuada por Cristo na cruz. Nosso propósito aqui não é oferecer uma exegese detalhada ou interpretação desta passagem. É, antes, ver onde esses versos se encaixam na estrutura literária do capítulo. Esse ponto é claro, mesmo que os comentadores possam divergir na interpretação do próprio texto. Esses versos oferecem um bloco central de material no capítulo e o fluxo principal da narrativa, concernente mais diretamente ao conflito entre o dragão e a mulher, é retomado depois deste excurso.

A próxima seção da narrativa (vv. 13-16), retorna, então, ao assunto da mulher no deserto, sob ataque do dragão. No verso 6, que já notamos acima, estão em vista, principalmente, as ações da própria mulher. Esse assunto é agora tratado novamente no verso 14. Mas o verso 15 então continua com outro aspecto do assunto – as ações do dragão para com a mulher durante sua estada no deserto. Ele a procurou lá e derramou água como um rio sobre ela para varrê-la. Todavia, a terra ajudou a mulher e tornou o rio sem efeito (v. 16). A extensão de tempo durante a qual a mulher residiu no deserto é dada novamente, nesse caso como “um tempo, tempos e metade de um tempo”(v. 14), que é equivalente aos 1260 dias mencionados anteriormente no verso 6. Para propósitos de estrutura literária, é importante notar quão intimamente os conteúdos do verso 14 correspondem aos conteúdos do verso 6.

Apocalipse 12:6

“A mulher, porém,
fugiu
para o deserto, onde lhe havia Deus
preparado lugar para que nele a sustentem durante
mil duzentos e sessenta dias.”

Apocalipse 12:14

“e foram dadas à mulher as duas asas da grande
águia, para que voasse
até ao deserto,
ao seu lugar, aí onde é sustentada durante um
tempo, tempos e metade de um tempo, fora da
vista da serpente.”

Uma comparação da fraseologia grega encontrada nesses dois versos indica que as mesmas palavras gregas são usadas neles nas expressões “para o deserto” e “lugar” para o onde a mulher fugiu. A mesma raiz verbal para “sustentar” é usada em diferentes formas nas duas ocorrências. Embora os verbos “fugir” e “voar” não sejam os mesmos, eles comunicam uma idéia semelhante. Finalmente, ambos os versos terminam com um período de tempo, e estes períodos de tempo devem ser iguais.

A partir dos relacionamentos verbais específicos, e também a partir da presença de relacionamentos temáticos gerais, é evidente que o conteúdo desses dois versos produz uma conexão direta entre eles e que, de fato, o verso 6 e os versos 13-16 formam um *inclusio* em volta da seção central dos versos 7-12. Especificamente, o verso 6 provê uma declaração inicial acerca da fuga da mulher para o deserto, enquanto que os versos 13-16 oferecem uma declaração amplificada e conclusiva a respeito do mesmo assunto. Assim, a declaração completa ou geral acerca do período intermediário de conflito entre o dragão e a mulher foi dividida, e suas duas partes foram utilizadas para emoldurar ou incluir a declaração central acerca da guerra, no céu, entre Miguel e o dragão.

O último verso do capítulo (v. 17) refere-se a terceira e final fase do conflito entre o dragão e a mulher. Nesse caso, ao final dos 1260 dias, é contra o remanescente de sua semente ou descendência que o dragão faz guerra. A natureza deste conflito final é exarada com mais detalhes nos dois capítulos subsequentes, que contribuem para a formação do bloco de profecias em Apocalipse 12-14.

Há um certo vínculo temático entre o começo e o fim de Apocalipse 12. Ambos tratam do ataque do dragão contra a descendência da mulher. No primeiro caso, é a descendência dela, o homem-criança, que é atacado; e no último caso, é o remanescente de sua descendência que é visado. Além disso, o homem-criança no início da narrativa deve ser interpretado como se referindo a Jesus, com o remanescente no final da narrativa dando testemunho de Jesus. E finalmente, no verso 4, o dragão “se pôs em pé” diante da mulher quando a mesma estava para dar à luz seu filho e, no final da narrativa, o dragão “se pôs em pé” sobre a areia do mar. (A mesma raiz verbal está presente nestas duas passagens. Alguns sustentam que esta declaração final deveria ser conectada com Apocalipse 13, mas esta correlação verbal sugere que a mesma pode ser corretamente situada no final de Apocalipse 12).

A investigação de Apocalipse 12 permite que os conteúdos deste capítulo sejam reduzidos a um esboço básico:

- A. vv. 1-5 - Conflito inicial dragão-mulher
- B¹. v. 6 - Conflito intermediário dragão-mulher
- X. vv. 7-21 - Conflito Miguel-dragão no céu
- B². vv. 13-16 - Conflito intermediário dragão-mulher
- C. v. 17 - Conflito intermediário dragão-mulher

Aplicações históricas gerais. Após termos esboçado a passagem desta maneira, podemos fazer algumas aplicações históricas gerais.²⁸ Não é necessário abordar detalhes específicos aqui, mas a extensão mais ampla do capítulo. Apoiando a maioria dos comentadores (mesmo alguns já mencionados anteriormente) que vêem a mulher como a igreja, podemos ver retratadas três fases do conflito envolvendo a mulher ou igreja.

A primeira fase do conflito com o diabo (vv. 1-5) deve se referir aos primórdios da igreja. O conflito final (v. 17) deve se referir a fase final da igreja aqui na terra. Entre esses dois pólos encontramos a igreja no deserto, a igreja perseguida. Devido à posição intermediária dessa fase da igreja na narrativa, essa deve ser a igreja da Idade Média, ou seja, a igreja verdadeira e pura daquele período. É a igreja que foi perseguida e levada para o deserto e para os lugares mais remotos da terra para ser protegida.

Assim, a narrativa do capítulo nos apresenta a igreja primitiva, a igreja pura da Idade Média, e a igreja dos últimos dias. Em um breve trecho de 17 versos a narrativa cobriu três fases principais da história da igreja.

No centro desse panorama, o capítulo emoldura a luta entre Cristo e satanás, a controvérsia que está por detrás de tudo. O princípio que tem operado nessas fases da história da igreja é o antagonismo do diabo e suas forças maléficas unidos contra a igreja. Esta não é uma luta recente. Começou mesmo antes que existisse uma igreja. Ao colocar esta cena no centro de sua pesquisa, João, sob inspiração, identificou o princípio em operação através desta era da história da igreja.

Torna-se imediatamente evidente que a extensão profética da história da igreja não se encaixa bem na interpretação preterista nem na futurista. Se essa extensão apoiasse a interpretação preterista, deveria ter se concentrado apenas na primeira fase da história da igreja, no período do Império Romano onde os preteristas situam tudo isso. Mas a visão do capítulo se estende para além desse ponto, bem além dele. Se apoiasse a visão futurista da profecia, deveria ter se concentrado apenas sobre a fase final da história da igreja. Ao contrário, começa com o começo da história da igreja, o Cristo daquela igreja veio ao mundo e ascendeu ao céu para ministrar por ela. Há clara evidência de que essa narrativa apresenta um fluxo histórico contínuo através da Era Cristã. Assim, sua perspectiva é mais compatível com a visão historicista ou histórico-contínua.

Localização dos períodos de tempo. Podemos também formular a questão: Onde estão localizados os períodos de tempo neste capítulo? Estão localizados na fase inicial, intermediária, ou final, da peregrinação da mulher sobre a terra? Se os períodos de tempo fossem encontrados no primeiro segmento, favoreceriam a posição preterista. Se fossem encontrados na fase final, favoreceriam a posição futurista. Mas não são encontrados em nenhuma delas. Antes, os períodos de tempo estão localizados no segmento intermediário da história da igreja. Eles se encontram

²⁸ A porção de meu artigo citada acima vem de *ibid.*, 29-42.

em conexão com o segmento que se estende através do coração da Era Cristã. Isto é mais compatível com a visão histórica da profecia.

De fato, essas duas declarações combinadas e vinculadas acerca do tempo (vv. 6, 14) unem-se para emoldurar a característica central do capítulo, a grande controvérsia no céu. O autor faz sua primeira declaração acerca do tempo no verso 6. Ele prossegue com uma descrição (vv. 7-12) da guerra no céu entre Miguel e o dragão. Depois, retorna ao assunto, relatando em palavras quase idênticas o mesmo período de tempo mencionado previamente (v. 14).

Assim, do ponto de vista dos vínculos lingüísticos, e do ponto de vista da estrutura literária, este par de declarações acerca do tempo pertence ao segmento intermediário da narrativa, ao segmento médio da história narrada pelo capítulo, e assim à Idade Média da história da igreja. Eles não pertencem, nenhum deles, ao tempo do fim. A história do tempo do fim só é retomada no último verso do capítulo (v. 17).

Apocalipse 13

Chegamos agora a uma terceira declaração principal de tempo profético semelhante àquela apresentada em Daniel 11-12 e Apocalipse 12. Nas narrativas anteriores o período de tempo foi dado como 1260 dias ou três tempos e meio. Nesta nova narrativa o período é dado como 42 meses (13:5). Quase não há dúvida de que estamos falando acerca dos mesmos períodos de tempo histórico e profético, uma vez que 42 meses, usando um mês profético esquemático de um número uniforme de 30 dias, provê um período de tempo que igualmente equivale a três anos e meio ou 1260 dias.

Interpretações dos Expositores

Abordagem preterista. Novamente encontramos a mesma distribuição de interpretações que encontramos anteriormente em conexão com as outras duas passagens estudadas acima. Os preteristas colocam estes eventos no primeiro século A.D., no período da Roma imperial. Como J. M. Ford claramente afirma, "os monstros representam o Império Romano e aqueles que cooperam com ele."²⁹ Quanto aos 42 meses de autoridade desta besta, Ford o relaciona, por paralelo, com a perseguição dos judeus sob Antíoco Epifânio. Assim, torna-se "simbólico de um período de terror e mal demoníaco antes da vitória final de Deus."³⁰ Neste caso particular, pode também ser relacionado com a profanação do templo de Jerusalém por Calígula, Tito (ou ambos).³¹

Abordagem futurista. Os dispensacionalistas concordam que este é o Império Romano, mas um Império Romano reavivado no fim dos tempos, não o império dos

²⁹Ford, *Revelation*, 218.

³⁰*Ibid.*, 222.

³¹*Ibid.*, 223.

dias de Jesus e dos apóstolos. Assim Walvoord nota, "A identidade desta besta é bastante clara em relação ao Império Romano reavivado, assim como a descrição é semelhante àquela encontrada em Daniel 7:7-8 e em Apocalipse 12:3 e 17:3, 7. O estágio do império descrito pela besta é o período após o surgimento do chifre pequeno, o futuro governante mundial, deslocando três dos chifres (Dn 7:8). A descrição se encaixa no tempo do império durante a grande tribulação."³² Sua posição sobre os 42 meses, como seria de se esperar, de acordo com essa interpretação é: "Sua autoridade (aquela do futuro anticristo pessoal) continua por 42 meses."³³

Abordagem historicista. Os intérpretes historicistas permanecem consistentes também aqui. A besta é também identificada como Roma nesta escola de pensamento. Por causa dos distintos aspectos religiosos de seu caráter e atividades, contudo, ela é identificada como sendo a fase religiosa da atividade romana corporificada no papado. Nesse caso a Roma Imperial (simbolizada em um papel secundário pelo dragão vermelho [cap. 12], precede a besta semelhante ao leopardo [cap. 13]). A última recebe da primeira "o seu poder, o seu trono e grande autoridade"(v2). Como dito de forma sucinta por U. Smith: "No verso 1 de Apocalipse 13 somos levados de volta ao tempo em que a besta semelhante ao leopardo, o sucessor do dragão, começa sua carreira. Por este poder a igreja sofre durante o longo período de 1260 anos."³⁴ Este período de 1260 anos é, naturalmente, o mesmo descrito acima em conexão com as profecias anteriores.

A posição das três escolas de interpretação é tal como descobrimos nas profecias anteriores. Os preteristas vêem Apocalipse 13:1-10 no começo da Era Cristã, os futuristas no final da Era Cristã, e os historicistas no transcurso da mesma era, interpretando as unidades de tempo como simbólicas ao invés de literal. Para uma identificação mais definitiva da besta envolvida, o estudante naturalmente necessita considerar características simbólicas. Isto já foi feito pelos comentários e não precisa ser repetido aqui. Nosso interesse é mais limitado ao tempo da profecia conectada com esta besta. Onde deveria ser aplicado este período?

Localizando o Período de Tempo

Porque surgiu esta questão? Alguns intérpretes, mesmo alguns que trabalham de uma perspectiva historicista, sugerem que esse período de tempo deve ser situado *após* o recebimento da ferida mortal e não antes. Situar o período de tempo *antes* da ferida mortal e estendê-lo até ela foi a abordagem mais comum entre os escritores historicistas no passado.

U. Smith expressa o relacionamento desta maneira:

³²Walvoord, *The revelation of Jesus Christ*, 197-98.

³³*Ibid.*, 200.

³⁴U. Smith, *The Prophecies of Daniel and Revelation*, 562.

No fim do mesmo período (os 1260 anos), a própria besta-leopardo foi levada “em cativeiro.” Apocalipse 13:10. Ambas especificações foram cumpridas no cativeiro e exílio do papa, e a subversão temporária do papado na França em 1798.³⁵

Assim é evidente que foi a cabeça papal que foi ferida de morte, e cuja ferida mortal foi curada. Esta ferida é mesmo que ir em cativeiro. (Apocalipse 13:10.) Foi infligida quando o papa foi feito prisioneiro por Berthier, o general francês, e o governo papal foi abolido por algum tempo.³⁶

A visão representada pela interpretação de Smith, e apoiada por muitos outros intérpretes historicistas, é que os 42 meses da profecia, ou 1260 anos históricos, se estendem até a ferida mortal a qual pôs um fim àquele período de dominação papal e autoridade religiosa.

Mais recentemente, tem sido defendida a visão oposta: que os 42 meses deveriam vir após a ferida mortal. A base para essa interpretação é a ordem do texto. A ferida mortal é referida nos versos 3 e os 42 meses são referidos no verso 5. Assumindo-se que os eventos dessa passagem estejam em ordem cronológica, o período de tempo de 42 meses deveria vir após o ferimento mortal da besta.

Seqüências repetidas. Isto suscita a questão: Os eventos descritos nesta passagem estão em ordem cronológica estrita? A evidência da própria passagem indica que este não é o caso. Seguir uma estrita ordem cronológica cria algumas dificuldades na interpretação.

O verso 1, por exemplo, nota que a besta tinha nomes de blasfêmia sobre suas cabeças. O verso 5 observa que a besta recebeu um boca que proferia arrogâncias e blasfêmias. Se estes dois episódios são estritamente cronológicos e consecutivos, as blasfêmias que a besta profere no verso 5 não tem qualquer relação com a blasfêmia sobre suas cabeças no verso 1. A conexão *lógica* é, contudo, que as cabeças de blasfêmia no verso 1 são de um caráter tal que proferem palavras de blasfêmia no verso 5. As duas referências estão conectadas por natureza e ação; elas não devem ser separadas e postas uma no passado e a outra no futuro.

Isto também pode ser notado no caso da palavra “autoridade.” Isto é encontrado primeiro no verso 2 onde o dragão dá a besta do mar várias coisas, inclusive “grande autoridade.” Então no verso 5 é declarado que à besta do mar foi dada autoridade para agir 42 meses. Se fizermos uma abordagem estritamente cronológica, então teremos duas autoridades aqui. A conexão mais lógica é que a autoridade dada no verso 2 é a mesma autoridade dada para agir durante 42 meses de acordo com o verso 5.

Um assunto semelhante aparece no caso da blasfêmia entre os versos 5 e 6. O verso 5 diz que foi dada a besta uma boca que proferia blasfêmias. Então no final desse verso são mencionados os 42 meses de sua autoridade. O verso 6 começa identificando o objeto da blasfêmia: o nome de Deus, Seu Santuário no céu e os habitantes da terra que puseram lá sua fé. Se esses dois versos são lidos em ordem

³⁵*Ibid.*, 565.

³⁶*Ibid.*, 567.

cronológica estrita, então a blasfêmia do verso 6 ocorre 42 meses ou 1260 anos depois da blasfêmia mencionada no verso 5.

Mas o caso não é bem assim. O verso 1 nota que os nomes de blasfêmia estavam sobre as cabeças da besta; o verso 5 nota que à besta foi dada uma boca que proferia essas blasfêmias; e o verso 6 dá o conteúdo de algumas dessas blasfêmias. Estas são ações contemporâneas e interrelacionadas não são ações separadas e distintas que ocorrem após as primeiras. O desenvolvimento do tema ao ampliar o assunto da blasfêmia é suplementado por cada referência adicional.

Mais uma vez podemos tomar o assunto da adoração para ilustrar o mesmo tipo de fenômeno nesta passagem. O final da primeira seção desta passagem descreve os homens adorando o dragão e a besta (v. 4). A segunda seção dessa passagem termina de forma semelhante, com todos os que habitam sobre a terra adorando a besta (v. 8). Os dois temas são interrelacionados e ocorrem em posições semelhantes em suas respectivas passagens. Eles devem ser relacionados um com o outro, não separados.

Descrevemos vários aspectos desse texto para demonstrar de que forma os termos foram distribuídos. Escolhemos termos-chave, termos temáticos e teológicos nessa passagem. Eles incluem “blasfêmia,” “autoridade” e “adoração.” As mesmas palavras gregas são usadas em cada um desses casos onde passagens paralelas são empregadas.

Paralelismo hebraico. Agora pode ser formulada uma questão: Por que a passagem opera desta maneira? Por que repete alguns desses termos muitas vezes? Por que não trata um tema de cada vez e então prossegue de forma linear? O assunto para estudo nesta conexão é novamente de caráter literário. *O princípio organizador é o paralelismo de pensamento.* Isto é muito comum na Bíblia.

Um terço do Antigo Testamento é escrito em poesia; toda a poesia hebraica emprega o paralelismo de pensamento. Não é possível ter poesia hebraica sem isto. Isto também está presente na prosa bíblica, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Há exemplos demais para serem mencionados. Portanto não é surpreendente que o mesmo princípio esteja operando aqui. Todavia é importante notar as palavras-chave que são repetidas na passagem.

Duas seções distintas. Dividiremos esta porção da profecia em suas duas seções principais antes de trabalharmos seus detalhes. Os versos 1-4 formam a primeira seção; os versos 5-10 formam a segunda. A mudança no uso dos verbos entre estas duas passagens é um indicador de que elas são distintas; a natureza do conteúdo descrito também é diferente.

A primeira seção descreve o que João viu – a visão propriamente dita. A segunda descreve as ações que ocorrem depois disso. O verbo “eu vi” (*eidon*) ocorre duas vezes na primeira seção (vv. 1-2); não ocorre de forma alguma na segunda. Ambas as seções terminam com um verso que fala acerca do mundo adorando a besta. Isto ocorre no verso 4 na primeira seção e no verso 8 na segunda seção. Eles são mais bem comparados abaixo.

Enquanto que a primeira seção dessa passagem é de ênfase descritiva (visual), a segunda seção é de ênfase didática. Este arranjo faz com que as duas seções se

relacionem uma com a outra como visão e audição, ou visão e explicação. Quando este relacionamento funcional é compreendido, pode ser visto que a segunda seção explica o que foi visto na primeira.

A descrição da visão (vv. 1-4). A descrição da besta, na primeira seção, começa com seu surgimento do mar. As primeiras partes a aparecerem são suas cabeças e chifres. É dada uma descrição mais minuciosa destas características: os chifres têm coroas e as cabeças têm nomes de blasfêmia. A descrição continua a medida que a besta vai se erguendo do mar. Seu corpo, que se parece com um leopardo, é visto a seguir; e, finalmente, seus pés como de urso são vistos. A atenção do profeta agora se volta para a boca da besta. Era como a boca de um leão. A razão pela qual a atenção do profeta se volta para a boca é porque seu discurso é um elemento na subsequente seção explicativa da visão. A cena muda agora para descrever o que o dragão do capítulo 12 fez em favor da besta do mar do capítulo 13. Ele deu-lhe três coisas: poder, um trono e grande autoridade. A atenção de João se fixou em uma das cabeças. Seis das sete cabeças pareciam saudáveis, mas uma delas havia sido ferida. Na verdade, a ferida parecia tão grave que aparentava ser fatal. Mas a ferida havia sido curada e aquela cabeça estava novamente saudável. A passagem termina com o mundo adorando o dragão e a besta.

A explicação da visão (vv. 5-10). A segunda seção é distinta em termos de conteúdo verbal. Contém quatro frases que começam da mesma forma no original grego, *kai edothe autou* ("e foi dado a ele ..."). A frase ocorre duas vezes no verso 5 e duas vezes no verso 7. Em cada um a frase apresenta alguma coisa que é concedida à besta. A primeira coisa "dada" é uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias. A segunda é autoridade. A terceira coisa é habilidade para fazer guerra contra os santos. A quarta coisa "dada" é autoridade sobre as nações. Então a passagem termina, assim como a primeira passagem, com uma declaração da adoração que o mundo oferece à besta.

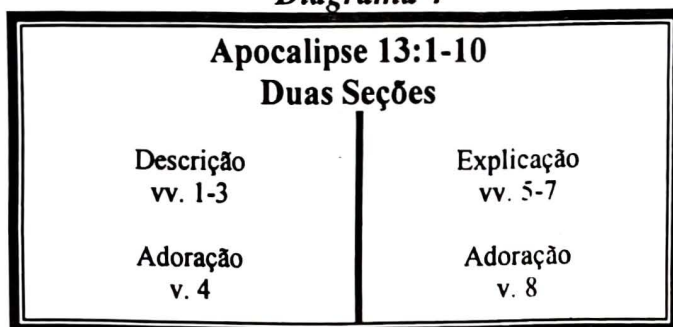
A partir do esboço das duas seções deve ficar claro que encontramos primeiro a visão da besta e depois a descrição de suas ações de modo explicativo. Ambas as seções terminam da mesma forma: com a descrição da adoração oferecida pelo mundo. Esta dupla descrição de adoração não apenas serve para dividir a passagem, mas também para enfatizar a unidade da profecia. Esse breve esboço pode ser diagramado como visto no diagrama 4.

Vínculos entre as seções. Voltemo-nos agora para examinar os vínculos entre as duas seções, entre a descrição e a explicação. Já notamos alguns de forma negativa para demonstrar que não podemos seguir uma ordem cronológica estrita nessa passagem. Examinaremos estes relacionamentos agora de acordo com as suas funções propositais.

O primeiro vínculo é a palavra "boca" (*stoma*), e sua palavra associada, "blasfêmia" (*blasphemia*). A boca da besta é descrita como a boca de um leão (v. 2) quando a boca entra em ação (v. 5), ela fala palavras arrogantes (contra o Altíssimo, cf. Dn 7:25) e de blasfêmia. A boca no verso 5 está funcionalmente vinculada à boca vista previamente no verso 2, e a blasfêmia ouvida aqui (v. 5) está vinculada aos

nomes de blasfêmia escritos sobre as cabeças (v. 1). O verso 6 retoma o tema da blasfêmia e diz exatamente o que é blasfemado: Deus, Seu nome, e Seu Santuário celestial.

Diagrama 4



Duas frases que começam com “e foi lhe dado” (*kai edothe auto*) ocorrem no verso 7. Lá descrevem dois grupos de pessoas. O primeiro consiste nos santos. Foi permitido que a besta fizesse guerra contra eles e os vencesse. O segundo grupo consiste no resto da população mundial. Em contraste com os santos que tentaram resistir a besta, esse grupo concordou com ela e finalmente passou a adorá-la. Daí o contraste entre os dois grupos: Os que se opõem à besta e os que tomam o lado da besta e até mesmo adoram-na.

É interessante a maneira como a perseguição dos santos é descrita em vista da declaração anterior acerca do período de tempo dado à besta para que exercesse autoridade. – 42 meses. Estas duas linhas de texto devem ser comparadas em uma tradução literal e em transliteração:

v. 5b “E	foi dada	a ele	autoridade para fazer	(x) meses, quarenta e dois.
Kai	edothe	auto	exousia poiesai	menas 40 kai 2
v. 7a Kai	edothe	auto	poiesai polemon	meta ton hagion kai nikesai
“E	foi dada	a ele	para fazer guerra	com os santos e vencê[-los]

A frase no verso 7a é a única dessas frases de doação em que a ordem das palavras é invertida. Normalmente, após a frase de doação introdutória, o substantivo referindo-se ao objeto doado é mencionado em seguida. Esse não é o caso aqui no verso 7a. Ao contrário é o verbo (*poiesai*) “fazer” que vem a seguir. Mas esse é o mesmo verbo encontrado no verso 5b. Esse é normalmente traduzido de maneira que usa a palavra “autoridade” que o precede como objeto. Mas o caso não é bem assim. O que foi dado a besta não foi autoridade, mas autoridade para fazer alguma coisa.

Mas para que foi-lhe dada autoridade? Isto é dito pela próxima frase de doação. De acordo com o verso 7a, essa autoridade era para fazer guerra contra os santos. Assim o arranjo estrutural, lingüístico, e as relações indicam que a autoridade da besta deveria ser exercida especialmente em fazer guerra contra os santos. Esse aspecto do texto o alinha com as passagens que discutimos acima – Daniel 11-12 e

Apocalipse 12. Em ambas as passagens, o mesmo período de tempo era especialmente e acima de tudo um período de perseguição dos santos.

Os vínculos da palavra “autoridade” (*exousia*) entre essas duas passagens também devem ser notados. De acordo com 13:2 o dragão deu à besta do mar poder, trono e *grande (megalen) autoridade (exousia)*. Então, de acordo com o verso 5, a besta do mar passa a exercer aquela autoridade (*exousia*) por 42 meses. Na verdade, a extensão de tempo durante o qual a besta exerce essa autoridade é uma razão pela qual ela é grande.

É interessante também que estas duas palavras (*grande/autoridade*) estejam emparelhadas no verso 2, mas depois sejam distribuídas no verso 5. No verso 2 é a autoridade que é grande (*exousia megale*). No verso 5 a palavra *grande (megala)* é usada de forma independente para se referir às grandes coisas ou “arrogâncias” que a besta profere contra Deus; então na próxima frase aparece a palavra autoridade (*exousia*). O que aparece como um par de palavras na primeira passagem é quebrado e distribuído em frases sucessivas na segunda instância, apontando assim para um relacionamento direto entre as duas seções.

Há outros dois vínculos lingüísticos interessantes presentes aqui. Um é o verbo “adorar” (*proskuneo*). No verso 4 (na primeira seção) é usado no aoristo, mas no verso 8 (na segunda seção) é usado no futuro. Este último tem sido normalmente considerado um hebraísmo para um verbo equivalente a um imperfeito ou presente. Contudo, poderia ser considerado o inverso para sua ocorrência. Se o aoristo no verso 4 for considerado como refletindo um “perfeito profético” hebraico tal como empregado pelos profetas do Antigo Testamento (um tempo passado para descrever um evento futuro), então isso se encaixaria bem com a natureza visionária da passagem (“os homens... adorarão o dragão... e adorarão a besta”). Se esta explicação é correta, ela harmonizaria o verso 4 com o verso 8, pondo a ação no futuro desde o tempo de João para o período especificado na profecia.

Outra palavra a ser notada aqui é a palavra para a “ferida” que a cabeça da besta recebe de forma “mortal” de acordo com o verso 3 (*sphazo*). A mesma palavra é usada para Cristo como o cordeiro morto (5:6, 9, 12). Os excluídos do reino celestial são aqueles que não estão inscritos no livro do cordeiro que foi “morto” (ferido) desde a fundação do mundo (13:8). A mesma palavra é usada em ambas as passagens, e assim é traçado um contraste entre a besta e o “Cordeiro.” Ambos recebem uma ferida mortal, mas voltam à vida – Um para operar a redenção da humanidade, a outra para sua destruição.

Na seção descritiva (vv. 1-4), a ferida da besta vem próximo ao final da passagem (v. 3). Na seção explicativa (vv. 5-10) é feita alusão a este ferimento também no final da passagem. (“Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada”). Em ambos os casos a estrutura literária e as relações envolvidas indicam que a autoridade que a besta exerce ocorre antes desse ferimento.

Há também um vínculo lógico e natural que vai da entrega de autoridade ao seu exercício entre a primeira (v. 2) e a segunda passagem (v. 5).

Como mostram as muitas relações estruturais e os vínculos lingüísticos entre as seções apresentados aqui, João elabora um paralelismo de pensamento a medida que ele descreve a visão da besta que ele vê e a explicação da visão que ele recebe. As duas partes formam um todo.

Não se pode aplicar uma leitura estritamente cronológica desta passagem, porque esse procedimento não poderia explicar os muitos paralelos encontrados aqui. A compreensão mais lógica das duas seções é que a segunda é uma explicação da primeira e isso põe o período de tempo dos 42 meses em relação com os eventos na primeira passagem os quais ocorreram antes que fosse vista a ferida mortal. A ordem e as relações tradicionais normalmente seguidas pelos intérpretes historicistas é a ordem correta a julgar pelo ponto de vista destas relações contextuais recentemente observadas.

Isto significa que os 42 meses da profecia de tempo devem se estender até a ferida mortal, não sucedê-la. Isso também significa que a ocorrência da ferida mortal torna-se um excelente demarcador para o fim desse período de tempo. Em termos de fluxo da história, isso se encaixa bem com o ano de 1798 para o fim desse período como foi descrito pelo comentador historicista Uriah. Smith citado anteriormente.

Conclusão

Examinamos neste artigo três passagens bíblicas que contêm elementos de tempo profético: Daniel 12, Apocalipse 12, e Apocalipse 13. Um período de tempo é comum aos três. Os três tempos e meio de Daniel 12:7 equivalem aos três tempos e meio de Apocalipse 12:14, que, por sua vez, equivalem aos 1260 dias de Apocalipse 12:6 e finalmente os 42 meses de Apocalipse 13:5. Além desses, mais dois períodos de tempo são encontrados em Daniel 12: os 1290 e os 1335 dias.

Não tivemos a intenção de fazer aplicações históricas diretas destes períodos. Ao contrário, nossa intenção foi outra. Nosso propósito foi ver que tipo de informação o próprio texto oferece para localizar esses períodos no curso da história.

A localização dos períodos de tempo em Daniel 12 não pode ser determinada somente sobre a base da narrativa. Esses versos formam somente a conclusão da quarta visão de Daniel. É necessário fazer uma comparação com Daniel 11, o corpo da mesma visão. Quando se faz esta comparação pode-se ver que as datas em Daniel 12 não representam uma extensão intencional do tempo previsto pelo profeta (visão preterista). Ao contrário, cada uma delas está conectada com eventos específicos narrados no fluxo da história descrita no corpo da visão.

Os três tempos e meio e os 1290 dias pertencem *in loci* (Dn 11:31-35) ao período anterior ao tempo do fim mencionado em Daniel 11:40. O período de 1335 dias também tem suas raízes na mesma localização de Daniel 11. Isto significa que a visão historicista, que entende que estes períodos são simbólicos e representam períodos muito mais longos de tempo histórico no fluxo do processo histórico, se encaixa melhor no conteúdo da passagem de Daniel 12.

A situação de Apocalipse 12 é um pouco diferente. Aqui os dois períodos de tempo (três tempos e meio, 1260 dias) estão em relacionamento mútuo na estrutura da própria narrativa. Eles estão colocados no centro ou núcleo da narrativa sobre a igreja; não pertencem a nenhum dos polos dessa história. Assim eles são melhor aplicados à Idade Média ou, como esta era de perseguição tem sido designada, à Idade Escura.

Esses períodos de tempo (os dois símbolos, na verdade, denotam a mesma era) cobrem aquele período e levam a narrativa da história da igreja até o começo do período final, o tempo em que o resto da semente da mulher entra no palco para atuar. Novamente a construção-envelope desta narrativa e os pontos particulares nos quais os períodos de tempo estão localizados apoiam a interpretação historicista com precisão. Os dados não apontam para uma interpretação preterista nem futurista.

A estrutura literária de Apocalipse com seu período de tempo de 42 meses apresenta ainda outro padrão de pensamento hebraico. Aqui opera o paralelismo de declarações. A visão da besta é descrita na primeira seção da narrativa (vv. 1-4) e depois é seguida pela explicação da visão (vv. 5-10). Isso significa que a narrativa (vv. 1-10) não pode ser lida em uma seqüência direta e linear; antes, deve ser compreendida como cobrindo o mesmo terreno duas vezes.

Nesta instância, a segunda seção, que supre a explicação, inclui o período de tempo. Não podemos ver um período de tempo, mas podemos ver as ações que a besta executa, como perseguir, falar blasfêmias, e exercer autoridade sobre o povo da terra. Precisamos saber por quanto tempo deveriam durar estas coisas. Por isso o período de tempo ocorre na parte do texto que trata da explicação.

O lugar onde o período de tempo conecta-se com a descrição precedente indica que ele pertence àquelas atividades da besta que deveriam ocorrer antes que esse poder recebesse a ferida mortal. Mesmo assim esta ferida mortal seria curada, este período de tempo mede a quantidade de anos até o ferimento, não depois.

Ao mostrar que os três tempos e meio e os 1290 dias de Daniel 12 pertencem à fase intermediária do fluxo histórico de Daniel 11, ao mostrar que os dois períodos de tempo de perseguição em Apocalipse 12 (três tempos e meio, 1260 dias) pertencem ao segmento médio da Era Cristã, e ao mostrar que os 42 meses da besta pertencem ao tempo anterior a ferida mortal, demonstramos que a interpretação historicista destas profecias de tempo está solidamente fundamentada nas características das passagens. A visão preterista que põe tudo isso no passado mais remoto – com Antíoco Epifânio (segundo século a.C.) ou com os Césares (primeiro século A.D.) – e a visão futurista que os coloca num futuro ainda não cumprido não têm apoio do texto e, portanto, são insustentáveis.